



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FASA
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO
DISCIPLINA: MONOGRAFIA
PROFESSORA ORIENTADORA: LARA AMORIM

**A INFLUÊNCIA DO RÁDIO NA COMUNIDADE DA
EXPANSÃO DE SAMAMBAIA NA PROMOÇÃO DA
CIDADANIA ENTRE CRIANÇAS E ADOLESCENTES**
O projeto radialista do futuro - nas ondas do rádio

Bruna de Cássia Alves Carmo
9910300

Brasília, Maio de 2007

Bruna de Cássia Alves Carmo

**A INFLUÊNCIA DO RÁDIO NA COMUNIDADE DA
EXPANSÃO DE SAMAMBAIA NA PROMOÇÃO DA
CIDADANIA ENTRE CRIANÇAS E ADOLESCENTES**

Trabalho apresentado à Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas - FASA, como requisito parcial para a obtenção ao grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo do UniCEUB – Centro Universitário de Brasília.

Profa. Dr.a Lara Amorim

Brasília, Maio de 2007

Bruna de Cássia Alves Carmo

**A INFLUÊNCIA DO RÁDIO NA COMUNIDADE DA
EXPANSÃO DE SAMAMBAIA NA PROMOÇÃO DA
CIDADANIA ENTRE CRIANÇAS E ADOLESCENTES**

Trabalho apresentado à Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas - FASA, como requisito parcial para a obtenção ao grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo do UniCEUB – Centro Universitário de Brasília.

Banca examinadora

Profa. Dr.a Lara Amorim
Orientadora

Profa. Flor Marlene Enriquez Lopes
Examinadora

Prof. Gilberto Gonçalves Costa
Examinador

Brasília, Maio de 2007

DEDICATÓRIA

A Edvaldo Ferreira, aos meninos e meninas do Projeto *Radialista do Futuro – nas ondas do rádio* e a minha orientadora Lara Amorim.

AGRADECIMENTO

Deus sabe o quanto lutei para vencer os obstáculos que surgiram durante meu curso. A Ele, muito obrigada! No entanto, eu não posso deixar de agradecer também aos meus pais e às minhas irmãs por toda paciência e carinho que me passaram enquanto estive na faculdade. Além deles, reconheço que não conseguiria muito sem a fidelidade de meus amigos que, mesmo alguns distantes ou ocupados, arranjam um jeito de transmitirem vibrações positivas.

RESUMO

A monografia começa analisando a história do rádio para entender como este meio de comunicação e sua relação na sociedade. Este trabalho pretende discutir o papel do rádio como ferramenta pedagógica e de comunicação e sua influência social entre jovens da comunidade da Expansão de Samambaia. A idéia é verificar indícios de protagonismo nos jovens que participam do projeto *Radialista do Futuro – nas ondas do rádio* a partir de pesquisas exploratórias com os jovens e o coordenador do projeto.

Palavras-chave:

História do rádio, rádio escola, protagonismo juvenil.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
METODOLOGIA	9
1 A RELAÇÃO ENTRE RÁDIO E COMUNIDADE	10
1.1 O rádio	10
1.1.1 <i>Contexto e História</i>	11
1.1.2 <i>Cidadania e Radiojornalismo</i>	13
1.1.3 <i>Legalidade da Radiodifusão no Brasil</i>	14
1.1.4 <i>História da Rádio Nacional</i>	17
2 O PROJETO RADIALISTA DO FUTURO – NAS ONDAS DO RÁDIO	19
2.1 Programa Os Radionautas na Rádio Nacional	21
2.1.1 <i>O que a emissora espera de Os Radionautas</i>	22
2.1.2 <i>O roteiro de Os Radionautas</i>	25
3 RÁDIO COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO E CULTURAL	27
3.1 A influência social do projeto sobre crianças e adolescentes	30
3.2 O uso radiofônico em comunidades de baixa renda	32
4 O PROTAGONISMO JUVENIL E A MOBILIZAÇÃO DOS JOVENS DA EXPANSÃO DE SAMAMBAIA	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	41
ANEXOS	43
ANEXO A - PROJETO RADIALISTA DO FUTURO	43
ANEXO B - ESPELHO CEDIDO PELA RÁDIO NACIONAL	47
APÊNDICES	48
APÊNDICE A – ENTREVISTA COM EDVALDO FERREIRA	48
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO	50

INTRODUÇÃO

O rádio consegue atingir um maior número de pessoas em um tempo curto. É um meio de comunicação barato e acessível a diversas classes sociais que entretém e informa ao mesmo tempo. Com esta idéia, a comunidade da expansão de Samambaia, cidade-satélite do Distrito Federal de baixa renda, mobilizou-se e ajudou a erguer o projeto *Radialista do Futuro – nas ondas do rádio*, coordenado pelo radialista Edvaldo Ferreira. A iniciativa busca a integração sociocultural de suas crianças e adolescentes, tirando-os da marginalidade e capacitando-os para o mercado de trabalho.

O objetivo da ação é disseminar conhecimento e retirar os jovens da criminalidade. No caso da radiodifusão sonora, o uso do rádio possibilita dar o poder de voz aos ouvintes. Há neste ambiente um laboratório de criar e estimular a participação deles para tomarem noção de sua realidade e com objetivo de mudá-la. Assim, este trabalho pretende verificar o impacto deste projeto para a promoção da cidadania entre os jovens locais.

O capítulo 1 trata sobre a relação entre rádio e comunidade, explorando o rádio como invento e sua repercussão e influência no mundo e no Brasil, bem como a trajetória da Rádio Nacional, que acolheu os meninos e meninas do programa radiofônico *Os Radionautas*. Para analisar este contexto histórico, por exemplo, foram selecionados livros como o de Luiz Ferraretto. No 2º capítulo, o projeto Radialista do Futuro é explanado a partir de pesquisas exploratórias realizadas com os jovens e o coordenador do projeto *Radialista do Futuro* e com o gerente da Rádio Nacional, Carlos Senna.

No capítulo seguinte, aborda-se qual a contribuição desse veículo de comunicação de massa para a promoção de cidadania entre os participantes do projeto *Radialista do Futuro*, como mudança de comportamento e melhora no rendimento escolar. No último capítulo, observa-se que os jovens apreendem dessa Rádio Escola uma oportunidade de serem agentes de sua região e mobilizam-se para melhorá-la. É discutido o protagonismo nos jovens que participam do projeto.

METODOLOGIA

Com o objetivo de compreender o processo de inclusão social que o rádio pode produzir, a monografia analisa a história do rádio e sua definição. Fontes que definem e relatam experiências de rádios comunitárias como ferramentas de educação também foram lidas para descobrir o papel do rádio na educação, na inclusão social e na possível mudança de comportamento das pessoas envolvidas.

Foi realizado um estudo de caso para explicar o projeto *Radialista do Futuro – nas ondas do rádio* e o programa *Os Radionautas* veiculado das 10h00 ao meio dia, na Rádio Nacional, todo domingo. Para isso, duas pessoas envolvidas diretamente com o projeto foram entrevistadas: o gerente da FM da Rádio Nacional, Carlos Senna, e o coordenador do projeto, Edvaldo Ferreira. O objetivo foi demonstrar como surgiu a idéia do projeto, o que falta para ampliá-lo ou aperfeiçoá-lo e se de fato há divulgação de informação ou se trata apenas de entretenimento. Questiona-se ainda se este veículo é capaz de promover a auto-estima entre os jovens envolvidos no projeto e qual é a experiência obtida por eles durante o projeto.

A investigação empírica foi realizada, localizada na Expansão da Samambaia, onde são desenvolvidas as atividades e aulas de rádio e informática com os jovens envolvidos. Na sede do projeto, concordaram em fazer parte da pesquisa exploratória 17 crianças e adolescentes. Foram elaborados gráficos que ilustram os dados obtidos a partir das respostas ao questionário, quando não for possível relatar a questão. Entre as perguntas que foram formuladas, estão as que procuram verificar se as crianças gostam do que fazem, se houve mudança de comportamento percebidas por elas e se a comunidade as apóia. A análise é estatística e descritiva.

Portanto, a monografia propõe analisar o uso radiofônico na comunidade da Expansão de Samambaia e o formato do programa, escolha do conteúdo e definição de pautas, as quais são elaboradas conjuntamente por adolescentes e crianças que habitam o local e por um produtor de rádio da Rádio Nacional.

Além disso, uma pesquisa bibliográfica foi realizada, com base em textos especializados sobre rádio e no Plano Editorial elaborado pela Rádio Nacional e reportagens que mencionam e tratam sobre o projeto.

1 A RELAÇÃO ENTRE RÁDIO E COMUNIDADE

1.1 O rádio

Até hoje, o meio de comunicação que informa sem diferenciar gênero, cor ou status social do expectador é o rádio. De acordo com Piovesan (2004, p.36), “o rádio, por todas as suas já alardeadas características, é um meio que propicia a inclusão”. E é também aquele que consegue atingir um maior número de pessoas com informações não só para um indivíduo, mas também para uma coletividade, que interage discutindo o conteúdo que lhe é apresentando.

Para tanto, é necessária a utilização de dois aparelhos (receptor e transmissor) que se comuniquem por meio de ondas eletromagnéticas (hertzianas) em diversas frequências para propagar a mensagem sonora pelo espaço.

O poder de penetração do rádio e o seu baixo custo de instalação e aquisição por parte do ouvinte são características que tornam seu uso relevante em um país com uma considerável população pobre, como é o caso do Brasil. Para atingir um maior número de pessoas, a linguagem passou de erudita a popular. Para Ferraretto (2001), o programa radiofônico que mais contribuiu para esta nova linguagem foi o *Repórter Esso*: um modelo de texto linear, direto, corrido e sem adjetivações, apresentado em um noticiário ágil e estruturado.

Com o rádio, que se difundiu efetivamente no século XX, a civilização conseguiu mais um novo instrumento para sua evolução. Do registro desenhado e escrito, para transmitir sua história e experiências à aprendizagem auditiva.

As músicas, os programas e os noticiários transmitidos pelo rádio não só entretêm as pessoas, como também geram cultura e conhecimento para quem escuta. O homem integrado a este novo ambiente social começa a mudar seu comportamento e passa a interagir em diversos grupos sociais, porque recebe o mesmo teor da locução. “Por ser um meio tradicionalmente de comunicação de massa, o rádio possui uma audiência ampla, heterogênea e anônima” afirma Ferraretto (2001, p.23). Mas a comunicação de massa não provém da sensação da

radiodifusão, porque isso já foi percebido com a aplicação da imprensa escrita, mas não de forma tão democrática e de potencial educativo.

No uso popular, a expressão comunicação de massa evoca imagens de televisão, rádio, cinema, jornais, revistas de história em quadrinhos etc.; mas esses instrumentos técnicos não podem ser confundidos com o processo que nos interessa. [...] Embora a tecnologia moderna seja essencial ao processo, sua presença nem sempre significa comunicação de massa. [...] Um filme cinematográfico de Hollywood é comunicação de massa; um filme doméstico sobre as férias de família não é. (TAVARES, 1999, p. 14).

Sobre este pensamento, é possível alegar que mesmo que surja uma nova forma de passar mensagens ao público, apenas aquela que provocar reações conjuntas nas pessoas em diferentes manifestações culturais do País pode ser considerada comunicação de massa. As tecnologias tornaram possíveis a emergência e a difusão de uma nova linguagem e de um novo discurso social com geração e consumo de idéias com papel integrador e para vários públicos.

1.1.1 Contexto e História

As primeiras experiências com transmissão de som foram realizadas a partir da década de 30, no século XIX, com base nas pesquisas sobre a existência de ondas radioelétricas e os avanços obtidos com a invenção do telégrafo e do telefone. O contexto histórico foi marcado pelo colonialismo europeu na África e na Ásia e eventuais conflitos no continente americano. Os experimentos eram voltados a estratégias de guerra e uma forma de integração política e econômica. A partir deste período, o telégrafo começou a se popularizar, resultado das pesquisas científicas do norte-americano Samuel Morse entre 1832 e 1837 e que funcionava com um código de sinais (Ferraretto, 2001).

Ferraretto ainda relata que, em 1863, o físico britânico James Clerk Maxwell demonstrou que o efeito combinado da eletricidade e do magnetismo são capazes de se manifestar no espaço sob formas de ondas com a mesma velocidade da luz ($2,997925 \times 10^8$ m/s). “Em 1876, o telefone foi patenteado por Alexander Graham Bell” (Ferraretto, 2001, p. 81).

Em 1887, Heinrich Rodolf Hertz foi quem descobriu a onda do rádio a partir das deduções matemáticas de Maxwell. As ondas seriam conhecidas como

hertzianas (Tavares, 1999). Outro achado que é importante mencionar foi a invenção da antena em 1898, utilizada na captação das ondas de rádio, conseguida por Aleksandr Popov, como lembra Coelho Neto (2002) em seu livro *Rádio comunitária não é crime, direito de antena*.

Dois cientistas disputam o lugar de quem conseguiu desenvolver a técnica para a transmissão de sinais através do ar. Segundo Santos (2003) na obra *Rádio Brasileiro: Episódios e Personagens*, com relação ao padre e cientista rio-grandense Roberto Landell de Moura, o italiano Guglielmo Marconi tem a seu favor a patente do aparelho. Ele criou em 1896 o telégrafo sem fio. No entanto, já em 1893, o padre e cientista rio-grandense Roberto Landell de Moura inventou aparelhos que foram expostos ao público de São Paulo que revolucionaria a transmissão via satélite, a internet e a digitalização do rádio que é percebido hoje. Mas é certo que:

Quanto ao pioneirismo do invento da radiofonia (não confundir com a radiotelegrafia) não será difícil provar que o sábio brasileiro Padre Roberto Landell de Moura saiu à frente de todos os outros cientistas e pesquisadores do planeta, cujas experiências (aliás numerosas) foram posteriores aos inventos do nosso padre. (TAVARES, 1999, p. 39).

Muita gente pensava que Landell de Moura era um doido e que não era necessário dar nenhuma atenção às suas pesquisas e feitos. Marconi, pelo contrário, teve apoio do governo da Itália, e em 1899, segundo Tavares (1999), mostrou que era possível enviar os três sinais do telégrafo “S.O.S.”. Foi criada a radiotelegrafia. Em 1903, ele conseguiu a proeza de enviar uma mensagem ao outro lado do oceano sem fio e, em 1909, recebeu o Prêmio Nobel de Física.

Landell de Moura testou suas invenções antes mesmo do surgimento das inovações do cientista italiano. Tavares (1999) expõe que foi em Campinas, São Paulo, que ele utilizou uma válvula amplificadora, criada por ele mesmo, com três eletrodos, para a transmissão de voz sem fio. Em 1894, a experiência dele foi repetida no alto da Avenida Paulista, na capital, para o alto de Santana, em uma distância de oito quilômetros. Em 1900, o governo brasileiro concedeu-lhe a patente de número 3.279 (1999, p. 22).

Para conseguir maior interesse de financiadores, o padre resolveu partir para os Estados Unidos em 1901. Tavares (1999) explica que o padre cumpriu todas as formalidades e recebeu, naquele país, as patentes para o Transmissor de Ondas,

para o Telefone sem Fio e para o Telégrafo sem Fio, depois retornando ao Brasil em 1905 e, por descrédito, recolheu-se à vida religiosa.

Para que a propagação de informação sonora aconteça, tudo depende da invenção da válvula radioelétrica, criada por Lee De Forest nos Estados Unidos, em 1906. A válvula tríodo permite a ampliação dos sinais elétricos, viabilizando a audição de sons complexos transmitidos por ondas hertzianas. No Natal do mesmo ano, a radiodifusão é inaugurada no mundo: De Forest e Reginald Aubrey Fessenden transmitem números de canto e solos de violino (Almanaque Abril, 1997). A radiocomunicação começou a sair do papel.

Frank Conrad, um técnico da Westinghouse, começou a ler notícias e rodar músicas por meio de um transmissor que ele mesmo havia construído. De acordo com Tavares (1999), a novidade atraiu simpatizantes e começaram a ser vendidos aparelhos que sintonizavam Westinghouse Station. A direção da empresa acabou se convencendo do sucesso e começou a comercializar os aparelhos estocados para a comunidade local. Em 2 novembro de 1920, a empresa implantou a KDK-A, que transmitiu as eleições presidenciais do país no mesmo ano.

A primeira transmissão radiofônica brasileira foi no Rio de Janeiro, em 1922, em comemoração ao centenário da Independência. Na ocasião, o presidente Epitácio Pessoa discursou no local da Exposição Internacional, na Praia Vermelha, para 80 receptores. O público presente à Inauguração do evento escutou as transmissões por meio de alto-falantes, informa Tavares (1999).

Em 1923, Edgar Roquette Pinto e Henrique Morize fundaram a Rádio Sociedade, primeira emissora do Brasil que foi instalada na Academia Brasileira de Ciências. Logo em seguida, esta emissora seria doada ao governo e se transformaria na rádio MEC, como aponta Blois (2003, p. 36).

Com o desenvolvimento tecnológico, outras tantas emissores iriam surgir e se disseminar pelo País, como a Rádio Nacional do Rio de Janeiro. A idéia de seus idealizadores era promover a cultura do povo e pelo progresso do Brasil. Hoje, como se soube, a radiodifusão tornou-se uma indústria cultural.

1.1.2 Cidadania e Radiojornalismo

Propondo cultura e diversão, o rádio também sugere que o ser humano interaja como cidadão. As idéias que são transmitidas servem como um novo ponto

de discussão: será que o sujeito está mesmo inserido nas questões sociais, políticas e econômicas do meu país? Que posição ele deve tomar com o que escuta? A principal atração radiofônica que fez brotar perguntas como estas foi o radiojornalismo, em que o repórter descreve as emoções que sente.

Segundo Calabre (2002), inicialmente os noticiários radiofônicos proveram de jornais impressos. Cada emissora de rádio era filiada a uma agência internacional de notícias diferente e até a uma agência nacional, fornecedora da matéria-prima para confecção de noticiários. O assunto que mais obteve sucesso junto ao público foi o esportivo.

Precursor de informações imparciais, objetivas, informativas e modernas, o noticiário *Repórter Esso* – exemplo pioneiro até hoje por suas manchetes – iniciou seu trabalho em agosto de 1941 na Rádio Nacional do Rio de Janeiro (Ferraretto, 2001). Seu imediatismo possibilitou que cada indivíduo buscasse a realidade em sua volta para poder compreender o sistema e fazê-lo gozar os direitos para democracia. Mas não só de jornalismo que o rádio dominou.

No rádio, o programa ficou no ar até dezembro de 1968 por conta da ditadura do Estado Novo com a censura do DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda (Ferraretto, 2001). Nenhuma crítica podia ser dita contra ao presidente do país naquele período.

Desde agosto de 1941 no ar, o *Repórter Esso* foi líder de audiência até a década de 60. Segundo Calabre (2002), outra programação privilegiada difundida pelo rádio brasileiro desde sua criação, além do jornalismo que vigorou até a década de 1960, eram os programas musicais, de dramaturgia e os de variedade, que também sofreram a perseguição e censura do Estado na época. A partir de então, a livre expressão das empresas e dos cidadãos foi controlada pelo governo.

1.1.3 Legalidade da Radiodifusão no Brasil

A partir da década de 30, o rádio deixa de ser novidade e passa a ser um efetivo veículo de comunicação. As rádio-sociedades ou rádio-clubes, que viviam de doações de seus associados, apresentavam balanços negativos e, para continuar sobrevivendo, foram em busca do lucro por meio de anúncios. A publicidade torna-se um meio viável graças à alta audiência do público. Diante disso, o Estado começa a se organizar. Ferraretto explica como o processo se deu:

Para tanto, dois fatos do ano de 1932 são fundamentais. Em 1º de março, o governo revolucionário organiza a veiculação da publicidade pelas emissoras com o Decreto nº 21.111, regulamentando outro decreto, o de nº 20.047, de maio do ano anterior, que definia o papel do governo federal na radiodifusão sonora. Com a possibilidade dos comerciais ocuparem 10% das transmissões (com o tempo, este percentual aumentaria para 20%, estando hoje fixado em 25%), são captados os recursos que, lucro à parte, podem ser reinvestidos em uma programação para garantir a audiência responsável, em um ciclo se possível interminável... (FERRARETTO, 2001, p. 102).

Para Coelho Neto (2002), naquele momento o rádio perdeu a liberdade e seu conteúdo ficou nas mãos do governo, que aproveitou a ocasião para a criação da “Hora do Brasil”, em 1935. A censura se instalava na Constituição de 1937, quando o Departamento Oficial de Propaganda (DOP) foi transformado em DIP, que lia e censurava o conteúdo de programas de todas as estações de rádio antes de irem ao ar.

Após 25 anos, em 1962, com o Código Brasileiro de Telecomunicações (Lei nº 4.117), os meios de comunicação garantem o teor de seus programas e a indenização dos proprietários de qualquer emissora caso aja desapropriação por excesso de poder, conforme relata Coelho Neto (2002). Um ano antes, já estava instituído o Conselho Nacional de Telecomunicações (CONTEL), para administração e regulamentação de radiotransmissão.

Mas a conquista do código desaparece com o Golpe Militar de 64 que cassou rádios como a Rádio Nacional. A entidade empresarial *Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão* (ABERT), surgiu como resultado da luta pelos direitos de transmissão. Em 1967, o governo acaba extinguindo 41 dispositivos da Lei nº 4.117 e cria o Ministério das Comunicações, que manteve-se na Constituição de 1988 junto ao poder Executivo Federal, responsável pela concessões. A fiscalização é promovida pela Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), criada pela Lei Geral de Telecomunicações nº 9.472, em 1997. A partir de então, as rádios devem ter uma finalidade educativa e cultural e seu serviço deverá ser de interesse nacional.

No entanto, há rádios que tem por finalidade vender produtos de comunicação de massa. A programação dessas emissoras favorece determinados artistas e anúncios de seus patrocinadores:

Os “donos da mídia” fazem do Estado refém de empreendedores dos mais diversos setores da economia. [...] Porém, pior que a ausência de um papel forte do Estado na definição de bases para uma política pública de concessões de rádios comerciais, são as desavenças em torno do desenvolvimento de uma legislação que vem sendo construída para as rádios comunitárias desde 1998, a partir da reconstituição de experiências históricas que possibilitaram o surgimento das rádios livres na década de 1970. (CABRAL; CABRAL FILHO, 2004, p. 188).

Percebe-se ainda que as rádios livres, comunitárias e ativas, que surgiram como um movimento social, ainda dependem da leitura da regulamentação das rádios comerciais e públicas e, por não estarem definidas como tais, são tachadas como “piratas”. Mas o que separa esses tipos de transmissão daquelas já regulamentadas?

Ferraretto explica em seu livro *Rádio: o veículo, a história e a técnica* (2001) os diferentes tipos de rádio. Uma rádio pública (definida por alguns autores como educativa) é mantida pela União, governos estaduais ou municipais sem fins lucrativos e tem como objetivo tornar mais inteligíveis assuntos antes não acessados pela população. É certo que cria-se alguma dúvida de como o veículo se mantém e de como ele recebe a verba do Estado. A comunicação estatal deve ser direcionada para informação e cidadania para o ouvinte, seja ele qual for.

As rádios livres buscam uma linguagem mais política nos diversos temas da atualidade. No entanto, não funcionam através de concessão. As comunitárias existem legalmente com a Lei nº 9.616, de 1998, operando em frequência modulada, com transmissores de baixa potência. Devem atender a comunidade onde estão instaladas, difundindo idéias, elementos culturais, tradições e hábitos locais, além de estimular o lazer, a integração e o convívio. Algumas são reprimidas, porque desde a criação do rádio e a reviravolta para a regulamentação da radiodifusão sofrem por censura contra o livre-arbítrio.

Comunitária e livre não significam somente tipos diferentes de rádios dentro do cenário da sociedade civil, mas concepções diferenciadas de experiências que equivalem a opções de qualidade, profissionalismo e disposição diante do Estado. (CABRAL; CABRAL FILHO, 2004, p. 191).

Por fim, existem as emissoras comerciais que visam o lucro. Para Ferraretto (2001), são dois tipos de clientes para estas empresas: os ouvintes, que, com sua audiência, se tornam consumidores em potencial, e os anunciantes, interessados em atingir com suas mensagens um número crescente de pessoas.

1.1.4 História da Rádio Nacional

Rádio Nacional: rádio e sociedade criada em 12 de setembro de 1936, hoje empresa pública graças à intervenção do Estado na ditadura e destaque durante 20 anos na época da *Era do Rádio*, em que programas de música popular lançavam ídolos como Carmem Miranda e Orlando Silva, conforme apresentado pelo Almanaque Abril (1997). A mesma rádio inaugurou o radiojornalismo brasileiro com o *Repórter Esso* em 1945.

O modelo de programação privilegiado pelo rádio brasileiro desde sua criação, e que vigorou até a década de 1960, apoiava-se em quatro núcleos: a música, a dramaturgia, o jornalismo e os programas de variedade (CALABRE, 2002, p. 32).

A Nacional do Rio de Janeiro utilizava encenações radiodramáticas de parte do seu texto, ao invés de discutir o tema no ar. Segundo Calabre (2002), essa opção foi prova da emissora ter conquistado uma alta audiência, com apelo ao popular. Em 1941, estreou *Em busca da felicidade* com grande sucesso. No mesmo ano, o modelo comum de radiojornalismo que permaneceu até hoje, o *Repórter Esso* entrou no ar e esteve na programação da emissora até 1968 atingindo todo o país por ondas curtas. Na programação humorística, estiveram o *PRK-30* e o *Balança mas não cai*.

Mas a *Era do Rádio*, que enriqueceu culturalmente o Brasil e o mundo, sofreu com o Golpe de 64. A Rádio Nacional foi cassada. Voltou a funcionar anos depois como emissora da Radiobrás, empresa do Estado, e foi reestruturada. Antes, funcionava como um serviço de marketing que sobrevivia de seus associados, hoje a Nacional volta a ser informante do público com credibilidade e “digna de confiança”.

No Brasil, a tradição na maioria das empresas públicas de comunicação faz crer que essas organizações devam atuar como linha auxiliar de propaganda do governo como se fosse propriedades privadas dos governantes ou agências de promoção particular das pessoas dos governantes. No entanto, a cultura de compor empresas públicas de comunicação a partir do compromisso com a objetividade jornalística e com o direito à informação já está sendo construída neste país. [...] O fato de a Radiobrás, como instituição pública, não ser uma empresa subordinada às leis do mercado, também traz vantagens e se torna uma garantia de sua qualidade editorial, e não uma limitação. (BUCCI, 2005).

Atualmente, as emissoras da Radiobrás passam a dar prioridade à informação, prestação de serviço e troca de experiências, sendo o cidadão o foco da programação. A Rádio Nacional FM de Brasília tem uma programação voltada para a música brasileira e latina, com intervalos para notícias. A Rádio Nacional AM de Brasília e a do Rio de Janeiro possuem em sua grade programas de variedades, notícias e prestação de serviços locais. E, finalmente, está no ar a Nacional da Amazônia, que veicula informações principalmente para a Região Norte do país, com músicas populares.

Os programas da Rádio Nacional priorizam o ouvinte não só como público, mas também como fonte. Algumas ONG's ganham um espaço na Radiobrás para tratar de assuntos de interesse igualitário. A comunicação de massa, que tem a pretensão de criar hábitos de consumo, é posta de lado e abre caminho para uma discussão de integração social, onde o povo fala para si mesmo. Desta maneira, a Rádio Nacional incentiva iniciativas bem sucedidas como a do projeto *Radialista do Futuro – nas ondas do rádio*, em que os jovens discutem temas com uma linguagem simples.

2 O PROJETO *RADIALISTA DO FUTURO – NAS ONDAS DO RÁDIO*

A Expansão de Samambaia foi criada em 1990 para abrigar famílias originárias de invasões e inquilinos de fundo de quintais que, com o programa de assentamento do Governo do Distrito Federal (GDF), tiveram a oportunidade de fixar residência. A cidade-satélite Samambaia fica entre Ceilândia, Taguatinga e o Recanto das Emas.

Em 2001, ao observar alguns meninos brincando com uma bola – feita com meia e jornal usado – na praça em frente de sua residência, o radialista e coordenador do projeto *Radialista do Futuro – nas ondas do rádio*, Edvaldo Ferreira¹, pensou em proporcionar-lhes uma ocupação que, além de oferecer lazer, os preparassem para melhor enfrentarem os desafios impostos para sobrevivência. Uma ONG foi criada para dar sustentação às atividades do projeto como administração de um Telecentro Comunitário e aulas de informática. As crianças e os adolescentes participam ativamente das decisões do projeto.

Foi daí que surgiu a iniciativa de criar o projeto que, em pouco tempo, conquistou o respeito das crianças e adolescentes. O projeto saiu do papel em 28 de fevereiro de 2002, vigente até hoje, e é um exemplo de aplicação da comunicação para tirar das ruas crianças e adolescentes em situação de risco e iniciar-lhes em uma profissão.

A Sociedade dos Moradores e Amigos da Expansão de Samambaia, cidade satélite do Distrito Federal, mostrou como fazer para melhorar as condições de vida da comunidade. Comparada à Rocinha do Rio de Janeiro pelo jornal local *Correio Braziliense*, membros da comunidade buscaram reverter os índices de marginalidade e violência.

De acordo com repórter Élton Skartazini, do site Castelo Forte², o trabalho coordenado começou com um programa semanal transmitido pela *Rádio Redentor* de Taguatinga – DF, direto do estúdio improvisado na sede da sociedade. Na época,

¹ Síntese do projeto. Edvaldo Ferreira produziu e disponibilizou material que explana sobre o projeto *Radialista do Futuro – nas ondas do rádio*, que será apresentado no decorrer desta monografia. (Anexo A)

² SKARTAZINI, Élton. **Expansão da sociedade organizada**. Disponível em: <www.casteloforte.com.br/sociedade8.php>, Acesso em: 03 de março, 2007).

o diretor da Rádio Nacional, Walter Lima, tomou conhecimento da idéia e os convidou para uma participação mensal no programa Revista Brasil. A simpatia e o carisma garantiram nos domingos, das 10h às 12h, transmitido para todo o Brasil, o programa *Os Radionautas*. O espaço conquistado, conduzido por apresentadores infanto-juvenis, deve-se também à política da Empresa Brasileira de Comunicação (Radiobrás), de democratizar o acesso aos meios de comunicação.

A proposta de trabalho da ONG Sociedade dos Moradores e Amigos da Expansão de Samambaia, por meio do *Radialista do Futuro*, segundo seu coordenador, busca integrar a sociedade local numa perspectiva, a curto prazo, de mobilizar os meios necessários que repercutam em atividades e projetos propulsores de geração de renda para os adolescentes e jovens da comunidade.

A ONG Sociedade dos Moradores e Amigos da Expansão de Samambaia, por meio do projeto *Radialista do Futuro*, fez pedido ao Ministério das Comunicações para montar uma rádio comunitária. Existe um núcleo de rádio comunitária em Santo Antônio do Descoberto. A ONG possui todos os equipamentos para a montagem de uma rádio comunitária. Ela funciona como uma rádio escola que visa a inclusão de crianças e adolescentes em um projeto educacional e vocacional. A Sociedade dos Moradores e Amigos da Expansão de Samambaia é uma entidade sem fins lucrativos, e sua diretoria é uma sociedade composta por profissionais liberais, microempresários, donas de casa e alunos do projeto.

Graziela Dias Teixeira (2004) aponta em sua tese *A Relação entre Rádio Comunitária e Formação de uma Esfera Pública* que a rádio comunitária atua em favor dos interesses de grupos populares, empenhada em consolidar novas formas midiáticas e em focalizar práticas de comunicação interativas e participativas na esfera pública. Trata-se de uma democratização dos meios de comunicação. Com esta observação, o projeto *Radialista do Futuro* gera a inclusão social de cada participante e dá a estes uma ocupação saudável por meio de atividades lúdicas.

Em reportagem publicada no Jornal de Brasília (2005), Edvaldo Ferreira conta que o objetivo do projeto é ocupar a criança com o tempo livre para que não fique na rua.

O radialista explica que o projeto é uma iniciativa social, educacional e profissionalizante e tem como ponto de partida a Expansão de Samambaia, onde moram famílias de baixa renda cujos filhos têm poucas oportunidades de ingressarem no mercado formal de trabalho. “O projeto tem razões incontestáveis:

promover a inclusão social, popularizar os recursos da radiodifusão e dar perspectivas profissionais a quem realmente precisa”, afirma Ferreira³, que enfatiza ainda que “o projeto apresenta o rádio como meio e o radialista como agente de transformação social”.

Edvaldo Ferreira acredita que o rádio é o veículo de comunicação mais acessível a todos e, como instrumento, sua estrutura pode ser melhor aproveitada em benefício da comunidade. Ferreira explica como são iniciadas as atividades: “As crianças e adolescentes procuram a sede da ONG e manifestam interesse em participar. É marcado um dia para inscrição e cadastramento das famílias. Posteriormente os membros da diretoria da Sociedade da Expansão visitam cada uma das famílias, confirmando as informações colhidas, principalmente as referentes à renda, matrícula em escola pública e interesse do candidato”.

Turmas de 25 alunos são formadas para participarem da oficina, que acontece, todos os sábados, nos horários de 10h às 12h00; 14h às 16h e 19h30 às 20h30. Sessenta crianças e adolescentes estão selecionados e têm aulas teóricas e práticas sobre comunicação em rádio, produção de textos, leitura e dicção, produção de programas, conhecimentos técnicos, reforço escolar, informática, responsabilidade e ética profissional com profissionais voluntários de comunicação e áreas afins. Os recursos materiais provêm de doações de empresas privadas.

Em 2005, foi inaugurado no local um telecentro com apoio do Banco do Brasil. Mais de dez computadores foram instalados como instrumentos para produção de textos do programa e para uso geral da comunidade.

Na Síntese do projeto, Ferreira frisa que o projeto se baseia nos conceitos de cidadania, participação, superação, solidariedade, disciplina e criatividade.

2.1 Programa *Os Radionautas* na Rádio Nacional

A visita do radialista Walter Lima, então diretor da Rádio Nacional, à aula-estágio na sede, abriu outra possibilidade para os jovens radialistas: Foram convidados a produzirem e apresentarem um programa, no primeiro dia de cada mês das 10h às 11h, como parte do programa Revista Brasil. O convite foi logo após

³ Todas as respostas do radialista Edvaldo Ferreira fazem referência à entrevista realizada para a monografia no dia 07 de abril de 2007.

estreadem na Rádio Redentor AM 1110 kHz. Ferreira conta que a primeira participação foi ao ar no dia 07 de junho de 2004, quando se tratou sobre a Expansão de Samambaia, o local de moradia desses adolescentes e do próprio projeto.

Segundo Ferreira, os jovens montaram um programa de uma hora com várias entrevistas que tinham como pauta: o primeiro morador, professores da escola e os coleguinhas para saber os problemas da comunidade. Os “radialistas do futuro” foram ouvidos em rede para todo o Brasil em junho de 2003.

Após dez programas apresentados dentro do programa *Revista Brasil*, o grupo de jovens, com ajuda do idealizador do projeto, escreveu uma carta ao presidente da Radiobrás, Eugênio Bucci, explicando a vontade de ter um espaço só para eles. Conseguiram um programa semanal. Hoje, depois de dois anos e quatro meses no ar, *Os Radionautas* tem audiência garantida aos domingos das 10h às 12h em todo o país.

As crianças e adolescentes de *Os Radionautas*, durante a semana, se reúnem para discutir a pauta e produzir o programa de domingo. Em setembro de 2005, a mesma reportagem do Jornal de Brasília comenta que o conteúdo das transmissões versa sobre drogas, adolescência, namoro, timidez, educação e, gravidez. Enfim, qualquer assunto de interesse de jovens. Hoje, as sugestões de entrevista para o programa são feitas pelo produtor Harrison Alves Reis da Rádio Nacional de Brasília AM (Anexo B).

2.1.1 O que a emissora espera de *Os Radionautas*

Professor e mestre de comunicação, Ferraretto (2001) destaca que a exemplo do Projeto Minerva, que tinha como objetivo ser um projeto pedagógico voltado apenas a instrumentalizar o indivíduo para o trabalho, sem refletir criticamente sobre a realidade, a Radiobrás é um produto típico da ditadura militar.

A Radiobrás chegou a contar com 38 emissoras de rádio e duas de televisão. Na Década de 80, a maioria delas foi privatizada. Em 1998, a estatal administrava cinco rádios (Nacional da Amazônia, em ondas curtas; Nacional AM, de Brasília, Nacional FM, de Brasília; Nacional do Brasil, em ondas curtas; e Nacional AM, do Rio de Janeiro), um canal de TV (TV Nacional, canal 2, de Brasília); uma agência de notícias (Agência Brasil); e um serviço radiofônico via satélite (a Rede Nacional de Rádio com programação originária das rádios Nacional AM e FM, além de liderar as

cadeias obrigatórias do Executivo, Legislativo e Judiciário e gerar o radiojornal Voz do Brasil). (FERRARETO, 2001).

A partir do século XIX, a rádio novamente incrementa ainda mais sua atualização como mídia de massa. A missão do conteúdo falado e televisionado pela Radiobrás torna-se o noticioso. De acordo com o site da empresa de comunicação⁴, os valores da Radiobrás que expressam e sustentam a dimensão ética de nossas ações, têm como base:

- a) Respeito ao caráter público de nossa atividade, ao buscar a excelência e ao exercer a transparência interna e externa;
- b) Respeito à cidadania, ao assumir um compromisso permanente com a universalização do direito à informação, com a verdade e com a qualidade da informação, por meio de canal direto com o público;
- c) Respeito às diferenças, por meio do diálogo;
- d) Respeito às pessoas ao promover a felicidade no trabalho, a criatividade e a inovação.

Tomando o respeito como base, a ética da Radiobrás concretiza-se na renovação cotidiana da credibilidade da empresa junto à sociedade brasileira e aos funcionários da empresa. A atenção agora é mostrar a realidade sem alterá-la para fins próprios de manipulação da massa. Tanto, que segundo o site da empresa, a Rádio Nacional conta com uma *Central de Atendimento ao Ouvinte* dos programas, que atende aos ouvintes que não conseguem participar ao vivo, encaminhando os pedidos aos diferentes programas.

A Rádio Nacional da Amazônia, que transmite em rede com a AM, *Os Radionautas*, tem como missão integrar ao cidadão da Amazônia à vida nacional, por meio de informação objetiva, isenta e esclarecedora, usando linguagem popular. Também, divulga informações sobre a vida cotidiana das comunidades locais, atendendo às necessidades dos ouvintes por meio de telefone e cartas.

Em seu site, a empresa trabalha para universalizar o acesso à informação, mantendo e cultivando seu compromisso com a verdade e com a qualidade da informação, por meio de canal direto com o público. Durante a cobertura das

⁴ Disponível em: <www.radiobras.gov.br>, Acesso em: 25 de março, 2007.

eleições municipais de 2004, o seu produto principal é o jornalismo e sua dedicação é a cobrir, antes de tudo, os assuntos relativos à cidadania, ao Estado e ao Governo Federal. Sua credibilidade está na objetividade jornalística e no foco ao cidadão. A empresa afirma que a informação é um direito de todos, não uma mercadoria: não existe para direcionar a formação da opinião pública, mas para fornecer ao cidadão elementos que o ajudem a formar livremente a sua opinião.

Fica claro que a empresa espera que o conteúdo de seus programas seja base para equalizar todas as posições da informação, dando o direito de resposta da parte que está sendo acusada, por exemplo. Enfim, segundo o Plano Editorial de 2004, sua missão é oferecer um espaço para apresentar seus pontos de vista, discutir seus problemas, trocar experiências e obter informações que lhe permitam compreender e atuar sobre a realidade.

O assunto que for abordado deve ser de interesse e importância para o cidadão. Mas o plano editorial faz uma observação: nem tudo que interessa ao público é de interesse do cidadão. A pauta do radiojornalismo da Radiobrás não deve incitar atividades criminosas, causar distúrbios sociais ou que ofendam os direitos, a dignidade e a decência do cidadão.

Ocorrências policiais banais não são pauta. Apenas aqueles considerados relevantes devem ser abordados, mas com sobriedade, equilíbrio, respeito aos direitos humanos e sem sensacionalismo.

Nesse ponto, os veículos de informação não comerciais, sejam eles públicos ou estatais, não se diferenciam: todos precisam honrar o seu compromisso com a verdade dos fatos. Qualquer tentativa de distorcer ou de direcionar o noticiário contraria o princípio da impessoalidade que está consagrado na Constituição e que deve ser respeitado por todo gestor público, tanto da administração direta como da administração indireta. (SAVAZONI, 2007).

Deve-se deixar claro que, no Brasil, uma empresa de comunicação estatal defende apenas interesses do Estado, por conta de tentativas primárias da manipulação. Mas o fato é outro. Na Radiobrás, as informações de interesse público são verificadas com fontes autorizadas e oficiais, ou seja, as informações não são publicadas *em off*, muito menos quando não são claras e expressas. Com este novo ponto de partida, a marca do jornalismo de espírito público em todo o mundo, para Bucci (2005), é uma abordagem de boa-fé, ou seja, que tenha lisura.

Um dos interesses da Rádio Nacional em transmitir o programa *Os Radionautas* era alterar a forma que ele era produzido e apresentado. Por que não crianças e adolescentes produzirem seu próprio programa, utilizando cunho social? Trariam assuntos abordados com opinião de criança para criança.

Na antiga grade da programação da emissora, existia o *Ciranda Nacional*, programa apresentado aos domingos pela Heleninha Bortone. A idéia original era entreter pessoas de todas as idades que gostam de músicas e histórias infantis. Em entrevista, Carlos Senna, gerente da Nacional FM que participou da reestruturação da emissora, dirigida pela jornalista Márcia Detoni, relata que o antigo programa era produzido e apresentado por um adulto. Não que a fórmula não funcionasse, pelo contrário, o *Ciranda Nacional* ficou por décadas na emissora. No entanto, a Rádio Nacional decidiu inovar e apoiar o projeto da comunidade de Samambaia, que incentiva os jovens envolvidos a crescerem conscientes dos direitos de cidadania. Ou seja, uma linguagem própria, que parte diretamente de locutores infanto-juvenis para ouvintes da mesma faixa etária.

2.1.2 O roteiro de *Os Radionautas*

O roteiro do programa *Os Radionautas* tem um pouco de tudo, principalmente coisas que jovens gostariam de saber, mas têm vergonha de perguntar e fazer. No domingo, no estúdio da Rádio Nacional AM, os jovens apresentadores ficam bastante desenvoltos e querem entender o que é discutido nas entrevistas para perceberem as transformações que ocorrem à sua volta.

Edvaldo Ferreira comenta que todas as pautas do programa são assuntos do interesse da criança e do adolescente. São temas de conteúdos educativos, atualidades, curiosidades, datas comemorativas, entre outros. Nos encontros na sede do projeto, os beneficiários sugerem pautas que posteriormente são repassadas à produção da Rádio Nacional para serem agendadas. Os jovens divulgam e discutem iniciativas de diversas ONGs, por exemplo, que lutam a favor do meio ambiente, discutindo temas sobre desmatamento para proteção da fauna e flora.

De acordo com o Plano Editorial da Rádio Nacional de Brasília⁵, a mensagem veiculada não deve viver à custa de inserções comerciais. Isso lhe dá mais autonomia na produção, que é uma vantagem. É sabido também que o ouvinte quer ser tratado como cidadão e não como mero consumidor dos produtos anunciados pela emissora. Ele quer ser informado sobre o que está acontecendo na sua cidade, no país e no mundo e entender as transformações que ocorrem à sua volta.

São ao todo três entrevistas por tema ao vivo durante o programa, produzidas por Harrison Reis, durante as duas horas de programa. Os temas são divididos em três quadros: *Vira notícia, nós comentamos, Aqui a gente se entende e A gente precisa saber*.

Para preencher o tempo livre, os apresentadores se dividem em dois grupos para uma brincadeira educativa de perguntas e respostas. O quadro chama-se: *Brincando também se aprende*. O grupo que acertar o maior número de questões ganha. De acordo com as crianças, as perguntas são retiradas de assuntos aprendidos ou não na escola onde estudam. Há também o momento da poesia e músicas selecionadas ao gosto infanto-juvenil. Ainda não há intenção para alterar o roteiro.

Mesmo que o *Radialista do Futuro – nas ondas do rádio* não tenha conseguido se estender a uma rádio comunitária⁶, o projeto abriu um canal de expressão e participação da comunidade da Expansão de Samambaia, além de atingir outras comunidades do país pelas ondas da Rádio Nacional.

Com esta interação, segundo Ruas (2004, p. 155), “a comunicação, assim, torna-se um fator de crescimento sócio-educativo-cultural da população, que se organiza em favor de seu processo de autotransformação, de maneira democrática e revolucionária”, assunto abordado no próximo capítulo.

⁵ O Plano Editorial da Rádio Nacional foi produzido por produtores e editores para apoiar a forma e conduta de apresentação dos programas da emissora.

⁶ O coordenador do projeto Edvaldo Ferreira já fez pedido ao Ministério das Comunicações para tornar a sede em uma rádio comunitária da Expansão de Samambaia – DF. O processo está em andamento.

3 RÁDIO COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO E CULTURAL

O conteúdo das entrevistas é discutido com temas trazidos pelos integrantes do projeto *Radialista do Futuro – nas ondas do rádio*, bem como assuntos sugeridos pelos ouvintes, por meio de cartas encaminhadas para a Rádio Nacional. As entrevistas são avaliadas por eles e serve como subvenção para aprendizagem e aprimoramento do conhecimento. A pauta para o programa *Os Radionautas* prioriza temas para o público jovem e isso influi também na escolha da programação musical, feita por Jaider Ribeiro, da Rádio Nacional.

Mesmo com formato de radiojornalismo, na escolha de especialistas ou convidados que tenham familiaridade com o assunto escolhido, o programa também é voltado para entreter quem escuta. O rádio torna-se um instrumento não só pedagógico, mas também cultural. É informativo e serve para entreter com as brincadeiras e pelo prazer que a música traz.

Estilos musicais populares como o forró e o sertanejo ainda não conquistaram seu espaço no programa. Não que não tenham seu valor cultural na indústria da música, mas não se enquadram no estilo do programa para jovens. Iray Carone (2003) afirma que a apreciação relacionada com humor, diversão e relaxamento, pressupõe que a arte não deva ser “séria”, nem mesmo na esfera estética. Para ele, a arte é contra a realidade árdua da vida real:

Em última análise, a “apreciação musical” conduzida pelo programa [da rede NBC, a qual estudou], sob a pressão dos monopólios comerciais do setor musical, criou uma espécie de homogeneidade (ou nivelamento por baixo) entre a música como arte autônoma e a música popular comercial, por meio do poder de massificação do rádio como um grande executor das tendências objetivas de deterioração cultural e da regressão da audição (CARONE, 2003, p. 492).

As emissoras da Rádio Nacional priorizam a música brasileira e, em alguns casos, a latina. Não a produção comercial das faixas tocadas, mas aquelas que tenham apelo popular. Carone (2003) indaga se tudo que é diversão do ouvinte e lucro das gravadoras pode ser considerado cultura. A dúvida é saber se há cultura quando quem aprecia a música começa a interagir.

Uma programação sem a participação do ouvinte é como fosse feita para o vento, sem retorno. Ou seja, sem finalidade. Os programas da Rádio Nacional, como *Eu de Cá, Você de Lá*, têm um apelo popular e envolvem temas regionais por possuir maior participação do ouvinte.

Cada programa radiofônico traz um formato pedagógico e cultural, que atinge um maior número de pessoas a cada dia. E sendo um meio de comunicação de fácil acesso, é possível ouvi-lo enquanto as pessoas trabalham ou estão no trânsito, por exemplo. As dicas que as pessoas escutam no rádio são instrumentos para cidadania.

E tudo que o cidadão escuta permite que ele atue e participe em sua comunidade seja sugerindo pauta ou escolhendo uma música que faça parte de sua convivência com a sociedade. Isso é comunicação, que “quer dizer trocar idéias, consultar os demais, tornar comum, tornar legítimo, fazer-se compreendido e compreender os outros” (RUAS, 2004, p. 27).

A voz da comunidade que quer se envolver na disseminação da cultura local, é confundida com a voz que quer abalar o direito legal da radiodifusão. Segundo Coelho Neto (2002), a repressão acabou atribuindo novas expressões ao vocabulário brasileiro, como radioamantes, rádios piratas, reforma agrária no ar, direito de comunicar e Direito de Antena. Para ele, houve óbvia constatação que os meios de comunicação são formadores de opinião também do pensamento jurídico dominante. Ainda perdura triste realidade da troca de favores para se obter uma emissora de rádio.

Ferraretto (2001) aponta que o processo de escolha do beneficiado pela concessão passa por licitação pública. De acordo com ele, o argumento principal dos radiodifusores foi a possibilidade das estações clandestinas interferirem nos sinais das emissoras legalmente constituídas e nos sistemas de comunicação dos aviões nas proximidades dos aeroportos. A possibilidade foi desmentida devido à baixa potência das transmissões das rádios comunitárias limitadas, cada uma, a um máximo de 25 watts.

Diante da força de uma rádio comunitária, Ruas explica que a comunicação é fundamental na vida do homem, capaz de atribuir significados aos fonemas:

Comunicação é um dos principais agentes do processo social, pois possibilita a permuta de informações que se processa entre um emissor, que envia a mensagem e um receptor, que a acolhe. Por meio da

comunicação o homem se torna um ser social e assim mantém-se. [...] A comunicação é um processo ativo e não passivo. Ativo, pois é um processo que cria laços, envolve, amarra, influencia, dirige, manipula, oprime, reprime, liberta. (RUAS, 2004, p. 27-28).

Ainda segundo Ruas (2004), o indivíduo torna-se cada vez mais parte da sociedade, sua casa, seu bairro, sua escola e de seus amigos graças à evolução da comunicação que acontece indiretamente:

A comunicação é o canal responsável pela transmissão dos padrões de vida, de cultura, pelos quais se aprende a ser membro da sociedade, da família, do grupo, da vizinhança, da nação. [...] Por ser essa arma poderosa e por estar a comunicação a serviço do desenvolvimento, os investimentos para projetos deveriam ser alocados com a preocupação de mobilizar iniciativas comunitárias para produzir e difundir informações destinadas a fomentar o incremento do desenvolvimento local, quer na área da indústria, saúde, educação, religião, lazer etc., quer no despertar de um cidadão mais fortalecido para lutar pelo atendimento de seus direitos junto ao Estado e à sociedade. (RUAS, 2004, p. 21;31).

O rádio é um instrumento pedagógico e cultural. De acordo com César (2005), a funcionalidade do rádio para o ouvinte é que ele contribui para o autoconhecimento e para a conscientização, oferecendo segurança e apoio, orientando o comportamento social, estabelecendo padrões e oferecendo modelos para identificação. É útil para a sociedade por que atua como um multiplicador, acelerando o processo de informar a população; vigia os que detêm poder; possibilita debates sociais e políticos ajudando a desenvolver objetivos comuns e opções políticas; contribui para a cultura artística e intelectual dando oportunidades para novos artistas e consagrados; e facilita o diálogo entre indivíduos e grupos, promovendo a noção da comunidade.

A interação com o ouvinte é percebida pela forma que ele participa. Segundo o coordenador do projeto *Radialista do Futuro – nas ondas do rádio*, Edvaldo Ferreira, a credibilidade e a audiência do programa *Os Radionautas* são medidas por meio de cartas e telefonemas, em que são sugeridas músicas a serem executadas durante o programa. Por exemplo, quando o ouvinte propõe aos apresentadores alguma sugestão de leitura como poemas e recados, as mesmas são analisadas com carinho no projeto. Comentários de profissionais da área de comunicação, que acompanham o programa todos os domingos, também são analisados pela equipe do programa.

3.1 A influência social do projeto sobre crianças e adolescentes

O coordenador do projeto Edvaldo Ferreira reafirma que o veículo de comunicação mais acessível a todos é o rádio. Em Samambaia, não é diferente e pode ser mais bem aproveitada em benefício da comunidade.

Segundo o coordenador, o projeto e o programa *Os Radionautas* tem como objetivo promover a inclusão social, popularizar os recursos da radiodifusão e dar perspectivas profissionais futuras a quem realmente precisa. Essas são as três razões incontestáveis para sua existência. Os participantes do projeto melhoram os seus rendimentos escolares, aumentam a auto-estima, aprendem uma profissão, identificam, discutem, propõe e buscam soluções para problemas comuns. Cada ação fortalece a prática da cidadania de cada jovem do projeto.

Respondendo a um questionário para os dados desta pesquisa (Apêndice A), dez jovens entrevistados entre 7 a 17 anos de idade de classe média pobre afirmam que pretendem seguir a carreira de radialista, mas percebem que o que já aprenderam serviu para uma mudança de comportamento. O jovem de 14 anos, Lennon Pedro Noleto Ferreira, quer ser bacharel em química, mas admite que seu interesse pelo estudo aumentou, seu vocabulário melhorou e se aprofundou e agora está sabendo improvisar e se expressar melhor. Para ele, há mais criatividade e produtividade, quando se trabalha em grupo.

Sete deles já afirmam querer ser um radialista do futuro e começam a dar mais valor à rádio, tanto quanto à televisão, como oportunidade para as crianças no futuro, como afirma Albeth Pelegrini de Faria, com 14 anos. Ele conta que muitos amigos gostariam de frequentar as turmas do projeto, que são limitadas. Caso Marcos Felipe Rodrigues Teixeira, de 9 anos, não consiga ser médico ou jogador de futebol, ele pretende seguir a carreira de locutor. Marcos gosta das aulas de informática que recebe na sede do projeto.

Gustavo Teixeira da Silva, de 11 anos, afirma que o tom de sua voz mudou e este fato o deixou muito orgulhoso e começou a ver a participação no programa como um meio de trabalho. Bruna Gomes Fernandes da Silva, de 13 anos, comentou o quanto o projeto mostrou a ela como ela é capaz.

Stefany Ferreira de Castro, de 14 anos, já decidiu seguir a carreira de jornalista. Ela aprendeu a ler corretamente para a rádio, já sabe interpretar,

combater a timidez. Stefany afirma que quando entrou no projeto ela amadureceu, comentando que outras pessoas querem pôr os filhos na oficina de rádio.

Os jovens chamam Edvaldo de professor, porque na sede de onde é executado o projeto, os alunos aprendem noções de locução para rádio, fonoaudiologia e a forma correta de entrevistar um convidado. Algumas perguntas são feitas de improviso, mas são pertinentes como aquelas que qualquer profissional da área faria. Quem acompanha *Os Radionautas* percebe que os jovens começam tímidos, mas logo ficam desenvoltos.

Segundo os jovens entrevistados, os pais apóiam o projeto por que é uma forma de aprimorar o conhecimento. Ficam felizes pelo interesse de algumas pessoas da comunidade, que sugerem na abordagem do programa *Os Radionautas* e acreditam no futuro conquistado por cada um.

Quem entra no projeto não está acostumado a trabalhar em equipe, mas logo começa a ver que é necessário fazê-lo. Crianças de sete e oito anos sentem dificuldade de conviver em grupo, mas quando começa a brincadeira logo se entrosam.

No local do projeto, há uma sala com quadro negro reservado para a praticarem a produção de um texto radiofônico. Em outro cômodo são feitas aulas de informática e criação de textos. Para pesquisa de conteúdo, os jovens vão utilizar a internet, quando for instalada uma antena na sede.

Para o coordenador Ferreira, o projeto já está consolidado, os jovens estão interessados. No entanto, algumas ações ainda se fazem necessárias:

- Melhorar a estrutura física da unidade piloto para atender mais crianças com atividades simultâneas;
- Implantar núcleos do projeto em outras cidades do Distrito Federal e cidades do Entorno;
- Manter o espaço na Rádio Nacional e receber autorização para funcionamento de uma rádio comunitária e buscar um espaço na televisão.

Ferreira explica que a idéia é estender o combate contra marginalização da juventude de setores de baixa renda.

3.2 O uso radiofônico em comunidades de baixa renda

O consumo de drogas e a violência são acontecimentos rotineiros no dia a dia da comunidade na expansão de Samambaia. Como sempre as maiores vítimas são os adolescentes e jovens. Edvaldo explica ainda que, visto como um projeto sério, o projeto *Radialista do Futuro* tem o apoio dos moradores e é respeitado por outras organizações, dentre elas, o Conselho Tutelar de Samambaia e Conselho dos Direitos da Criança e do Adolescente do Distrito Federal. Na avaliação dos pais, o projeto é uma esperança para as crianças e adolescentes ocuparem o tempo com uma atividade saudável e conquistarem um futuro melhor.

Edvaldo Ferreira chama a atenção para o fato de que os benefícios alcançados são muitos: os participantes melhoram os seus rendimentos escolares, aumentam a auto-estima, aprendem uma profissão, identificam, debatem, propõe e buscam soluções para os problemas comuns, exercendo a cidadania. Antes de participarem do projeto, eram visíveis os problemas com disciplina, brigas, responsabilidade e até evasão escolar. Toda essa evolução se deve à empolgação e entusiasmo dos radialistas-mirins. É por conta das tarefas das aulas de rádio que um maior interesse pela leitura e a melhora na dicção se manifestam.

Por meio de visitas domiciliares e reuniões coletivas com os familiares, visitas dos pais e colegas às aulas e programas de rádio, tornou-se visível a articulação com os grupos em que a criança está inserida. Além disso, o coordenador conta que as mães trazem os boletins escolares para conferência das notas no ensino regular.

O objetivo é que o projeto tenha repercussão positiva dentro da escola freqüentada pelos alunos e contagie os demais alunos através das discussões trazidas por eles. Assim, Edvaldo espera que, por meio de reuniões com diretores e professores das escolas, aja melhoria do ambiente escolar. Edvaldo já especulou a instalação de uma rádio comunitária, com a instalação de dois alto-falantes por cima da sede.

Com a presença de uma rádio comunitária, há possibilidades de este meio seja mais inclusivo e participativo na comunidade da Expansão de Samambaia. Teixeira (2004) concorda que a rádio comunitária é uma alternativa à comunicação de massa:

[...] As práticas e os conteúdos alienantes dos meios massivos de comunicação possibilitaram a organização de movimentos sociais que lutaram contra as injustiças e iniquidades do poder da classe dominante e do monopólio sobre esses meios na perspectiva de criar um tipo de comunicação, em que o conteúdo da programação pudesse ser tudo o que realmente interessava. [...] A segmentação radiofônica voltada à comunicação popular ou alternativa ou comunitária, emergiu no interior destes movimentos e organizações sociais, em meio a uma conjuntura de profunda insatisfação por parte do povo e de grandes restrições à liberdade de expressão. (RUAS, 2004, p. 45 e 46).

O uso radiofônico em comunidades de baixa renda é um elemento para instruir o ouvinte diante a sua realidade, de forma econômica e ágil, seja ela comercial, livre ou comunitária. A diferença instituída pela rádio comunitária é quando a comunidade passa a ser o ator principal, que apreende as informações geradas e motiva a cultura local.

Podemos afirmar, ainda, que crianças e adolescentes do projeto *Radialista do Futuro*, além de estarem integrados nas atividades da comunidade, ganham uma vantagem entre outros jovens. Eles começam a decidir sobre ações, beneficiando seu grupo social. Com o envolvimento na luta por seus direitos, é possível perceber o nascimento do protagonismo juvenil.

4 O PROTAGONISMO JUVENIL E A MOBILIZAÇÃO DOS JOVENS DA EXPANSÃO DE SAMAMBAIA

O radialista e coordenador do projeto *Radialista do Futuro*, Edvaldo Ferreira, explicou que a existência do projeto tem o objetivo de dar vez e voz aos meninos e meninas da Expansão de Samambaia. Inicialmente a proposta era a fundação de uma Rádio Escola Comunitária, criando oportunidades para as crianças e com o objetivo de ensinar adolescentes locais e ensinar sobre esse meio de comunicação.

É importante deixar claro que o projeto não está desenvolvido como uma rádio comunitária. Mesmo que o projeto consiga equipamentos para tal atividade, uma rádio comunitária deve produzir:

- a) Programação voltada para os problemas e realidades do bairro ou região, que valorize a cultura local e tenha um forte compromisso com a educação para a cidadania;
- b) Participação direta da população ao microfone e na produção dos programas;
- c) Participação da comunidade no gerenciamento e na definição dos programas da emissora por meio de assembléias coletivas;
- d) Finalidade não-lucrativa. Os recursos para o funcionamento da emissora são arrecadados através de apoio cultural e de contribuições da comunidade. (DETONI, 2004, p. 279).

Observando cada item, o projeto *Radialista do Futuro* deve ser apenas considerado uma oficina, com aplicação do que foi absorvido nas aulas sobre conteúdo radiofônico a ser aplicado em uma emissora conceituada da Radiobrás. A iniciativa naquela região é utilizar o rádio como ferramenta pedagógica na produção de programas radiofônicos e retirar jovens da marginalidade. Percebe-se que *Os Radionautas* é apenas um programa que faz parte da programação da Rádio Nacional aos domingos. A programação musical não é sugerida pelos jovens e muito menos pela comunidade.

Eles aprendem que um locutor ou apresentador não fala de improviso. É necessário que ele domine o conteúdo para definir sua postura no programa radiofônico e até televisivo. Com muita leitura, os jovens que migram do projeto para o programa *Os Radionautas*, ao vivo, devem ter consciência que o que fazem não é uma brincadeira, mesmo parecendo uma diversão de domingo. Os jovens

apresentadores aprendem deste cedo a serem agentes sociais – protagonistas.

“A identificação dos jovens reflete momentos distintos em que definem e constroem os papéis que vão assumir num futuro que inicia brevemente – a vida adulta”, explica Ana Amâncio⁷ e Rosa das Neves⁸ (2003, p. 646). As crianças e adolescentes crescem tentando definir qual será seu futuro profissional. Amâncio e Neves avaliam que “ganha força então a juventude, entendida como categoria social marcada por escolhas, expectativas, crises que constituem os processos decisórios em termos das mudanças esperadas” (2003, p. 647).

Entende-se como protagonismo juvenil quando o adolescente se envolve na solução de problemas reais individualmente ou em grupo e age como fonte de iniciativa, liberdade e compromisso no contexto escolar ou sociocomunitário, de acordo com o educador Antônio Gomes da Costa. Os jovens “se tornam multiplicadores de informações” (FERNANDES, 2002, *apud* COSTA, 1998, p. 61)

A partir da convivência com o rádio, o meio difusor de comunicação social mais eficiente por conta de sua acessibilidade, as crianças e adolescentes dos *Radialista do Futuro* percebem que progrediram na sua escola e no seu comportamento na comunidade.

Como resposta ao questionário realizado por esta pesquisa⁹, Júnio Martins Montenegro, de 14 anos, afirma que aprendeu coisas sobre as quais não sabia o significado. Ele conta que está orgulhoso por isso, quer continuar no projeto e relata que “cada vez mais as pessoas querem entrar no projeto”. Júnio avisa que se interessou sozinho e seus pais não o obrigaram. De acordo com a aluna do projeto, Bruna Gomes Fernandes da Silva, após a apresentação do programa *Os Radionautas*, na Rádio Nacional, muitas pessoas aparecem na sede do projeto na Expansão de Samambaia para conversar e dar sugestões. Ela percebe que eles são aceitos pelo que fazem na comunidade.

O envolvimento das crianças e adolescentes com sua comunidade representa um aumento na integração social e sua interatividade com a necessidade do grupo. Para melhor exemplificar:

⁷ Doutora em Educação e professora universitária da Universidade Estácio de Sá.

⁸ Doutora e pesquisadora associada da Fundação Oswaldo Cruz.

⁹ Questionário elaborado com oito questões e respondido por 17 integrantes do projeto *Radialista do Futuro*, no dia 07 de abril de 2007.

Falar em participação implica, automaticamente, na idéia de desenvolver ação interativa. Participar diz respeito a ter acesso e a integrar um processo. Porém, a forma e a intensidade dessa integração podem e costumam se diferenciar de uma situação para outra, por estarem, geralmente, ligadas ao exercício do poder. (RUAS, 2004, p. 151).

Por tanto, a sociedade os apóia e os integrantes do projeto *Radialista do Futuro* demonstram ter um forte protagonismo juvenil, que busca no estágio que não coloca uma vivência de trabalho, mas “não se pode negar que supõem uma experiência profissional – os estudantes adentram um ambiente de trabalho”, refere Ana Amâncio e Rosa das Neves (2003, p. 654) ao tratarem de experiências semelhantes, como o projeto *Jovens Talentos*, uma iniciativa à ciência dirigida a parcela de estudantes da escola pública no estado do Rio de Janeiro.

O protagonismo de cada jovem é estar inserido também em um grupo social, se relacionando entre si com cooperativismo. Vinte por cento das crianças do projeto *Radialista do Futuro*, entre 7 e 9 anos de idade, apresentam certa resistência ao trabalhar em grupo, que é essencial quando os jovens apresentadores se comunicam juntos, ao vivo, conforme visto no questionário aplicado. Talvez por falta de prática ou por não perceberem que a mensagem flui naturalmente, mesmo assim percebem ser essencial trabalhar em equipe.

Para Fernandes (2002), segundo afirma em sua monografia de conclusão de curso Comunicação, intitulada por *Educação e Mobilização Social*, a medida que o jovem estiver engajado nas questões socioeconômicas do país este é definido como protagonista, e a ampliação de seu repertório a partir da participação no grupo e sua conseqüência torna-se uma forma mais ativa de intervenção na sociedade.

Exatamente o que acontece quando adolescentes se apropriam de temas da realidade social brasileira e os transportam para o programa de rádio ou os transmitem pessoalmente no cotidiano. [...] Eles se tornam multiplicadores de informações. (FERNANDES, 2002, p. 64).

A influência que o rádio tem na comunidade da Expansão de Samambaia promove cidadania entre crianças e adolescentes participantes do projeto do radialista Edvaldo Ferreira. As aulas, que são oferecidas todo sábado, possibilitam descobrir um mundo repleto de novidades a serem questionadas.

Com as perguntas feitas durante as entrevistas do programa, os integrantes do projeto são capazes de intervir no cenário criado a cada entrevista agendada para *Os Radionautas*. Criam-se diversas situações para que a resposta seja

satisfatória na compreensão do ouvinte. Mas o mais importante: levam para casa tudo que aprenderam e esperam que as poesias retiradas pela internet ou apresentadas por cartas de ouvintes da Rádio Nacional emocionam o público.

O comunicador deve ter domínio da linguagem coloquial para ser atual e saber articular qualquer tema. O papel dos novos locutores radialistas é sempre está antenado com as notícias.

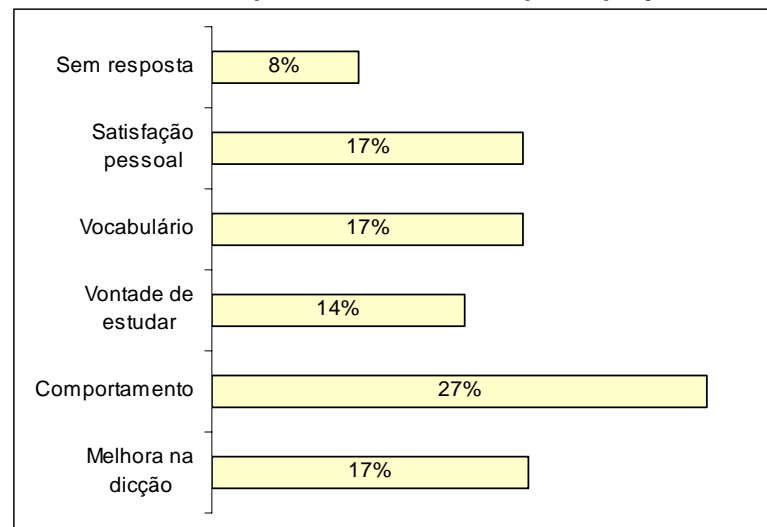
A vontade de estar inserida na sociedade, mostra como Joeilda Souza, de 16 anos, se esforça no projeto: “Gosto de participar e gosto de trabalhar em equipe, porque isso desenvolve a parte que todo ser humano tem para se relacionar bem em grupo”. Ludmila Fernanda Silva, de 16 anos, acredita que aprendeu a “respeitar as diferenças das pessoas” e a participação no programa a ajudou ficar mais informada sobre os acontecimentos.

Respostas simples como a de Carlos Fernando Rezende Silva, de 13 anos, ilustra como a oficina o deixou com menos vergonha. Para Joyce Mara dos Santos, de 14 anos, seu comportamento melhorou com as pessoas que estão ao redor dela, seja em casa ou na rua.

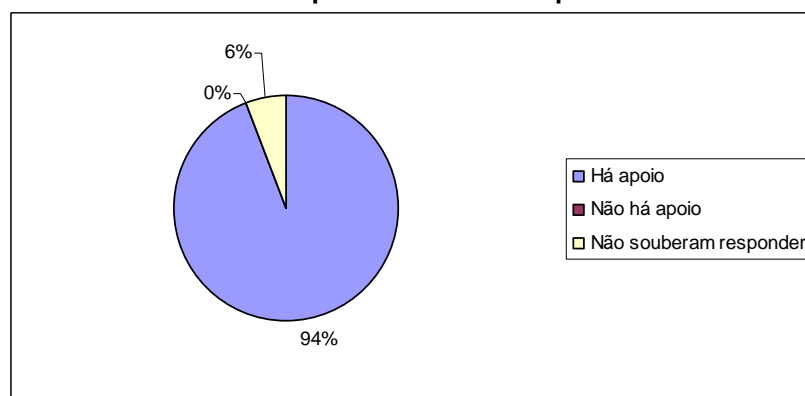
Segundo Natália Martins Santos, de 17 anos, a comunidade passou a se achar mais importante por saber que na localidade existe um projeto que está dando certo e está crescendo a cada dia que passa: “eles (a comunidade) se acham importante e aumenta a auto-estima dos jovens”. Cristyane Fernandes de Araújo, de 16 anos, comenta que aprendeu a conviver em equipe.

Naiana Martins Santos, de 15 anos, relata orgulhosa: “aprendi a importância de informar-se sobre as coisas que estão acontecendo em nossa volta e, com a produção de um programa, aprendi todas as partes de uma montagem de um programa de rádio. [...] Antes do projeto, a comunidade era muito discriminada e não acreditava que nenhum projeto desse certo. Um exemplo disso foi a vontade dos moradores de fazer com que as outras pessoas acreditem também”.

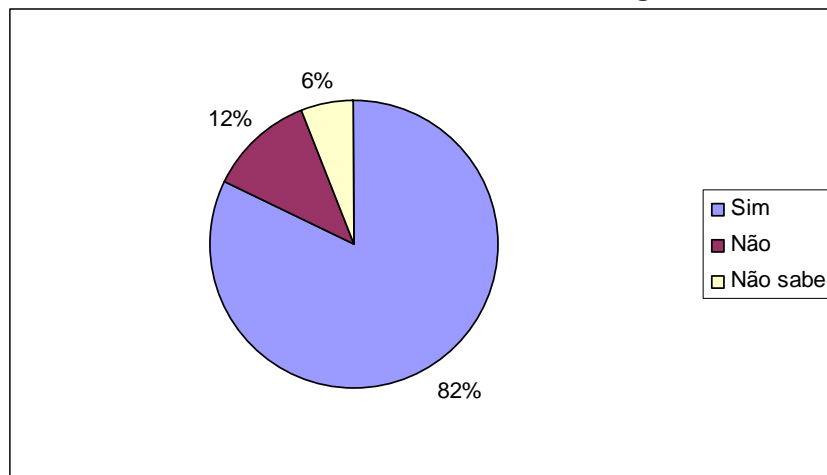
Para exemplificar e analisar a importância do *Radialista do Futuro*, de acordo com as observações retiradas das respostas de cada integrante do projeto no dia 07 de abril de 2007, foi possível a construção dos seguintes gráficos.

Gráfico 1: O que mudou em você após o projeto?

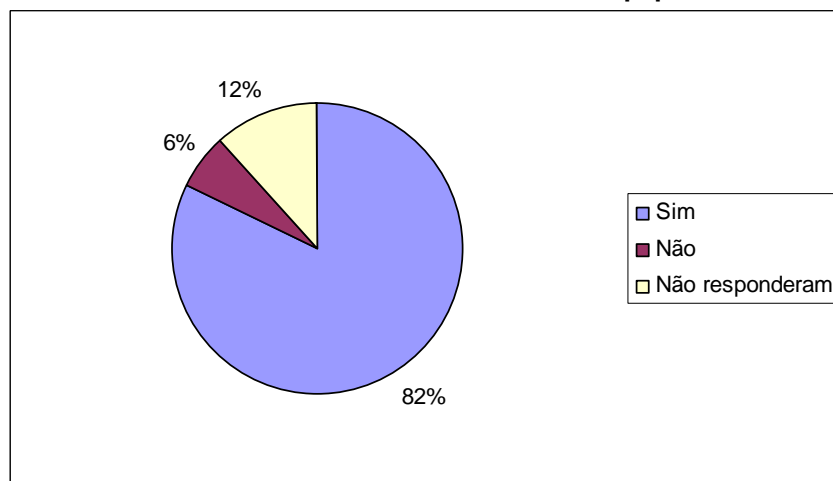
Como pode-se observar no gráfico 1, a questão que levanta a mudança de comportamento da pessoa após a adesão ao projeto, obteve pelos entrevistados mais de uma opção na resposta de múltipla escolha, sendo que 17% responderam que tiveram grande satisfação pessoal e melhora no vocabulário, 27% acharam que a mudança ficou mais evidente no comportamento interpessoal e 14% acham que o projeto estimulou a vontade de estudar. Apenas 8% dos entrevistados deixaram a pergunta sem resposta.

Gráfico 2: Há apoio familiar e dos professores

Sobre apoio familiar e dos professores, notamos que o gráfico 2 que os entrevistados quase em sua totalidade responderam que há apoio, restando apenas 6% do total sem respostas.

Gráfico 3: A comunidade ficou mais integrada?

O gráfico 3 indica que, além do apoio familiar e escolar, 82% dos que acham que a comunidade ficou mais integrada, por exemplo, passaram a ouvir mais as opiniões e necessidades dos jovens envolvidos no projeto. No entanto, 12% acreditam que poucas pessoas da comunidade sabem do projeto e até mesmo do programa do rádio. Apenas seis por cento não quiseram responder.

Gráfico 4: Gostam de trabalhar em equipe?

Por fim, no último gráfico demonstra que 82% dos jovens responderam que gostam de trabalhar em equipe, principalmente depois que venceram a timidez e o despreparo. Seis por cento não gostam e 12% não quiseram responder.

Nota-se que o envolvimento dos jovens é algo gradativo e depende do envolvimento de cada integrante do projeto. Grande parte das respostas permite perceber o panorama do envolvimento dos jovens da Expansão de Samambaia e perceber que o rádio pode ser uma ferramenta na promoção de cidadania.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho verificou o rádio e mais especificamente o caso do projeto *Radialista do Futuro – nas ondas do rádio* na comunidade de Expansão de Samambaia como meio capaz de gerar a promoção da cidadania entre crianças e adolescentes. Percebe-se que as 17 crianças e adolescentes entrevistadas para este trabalho ficaram entusiasmadas quando relataram a perda da timidez e o apoio que recebem da família e da comunidade em que vivem.

Desde a sua criação, o rádio tornou-se um meio de comunicação acessível para diversas classes sociais e de inclusão social. Analisá-lo contextualmente e historicamente ilustra como ele consegue atingir as massas e modificar seus costumes. Um exemplo disso deu-se com a Rádio Nacional, uma emissora da Radiobrás, que foi pioneira na mudança de costumes da sociedade e hoje busca universalizar o acesso à informação para cidadania.

A partir das leituras de bibliografias específicas sobre o tema e da aplicação dos questionários (em anexo) com o coordenador do projeto *Radialista do Futuro*, para saber se o rádio é um instrumento pedagógico e cultural. As rádios comunitárias são amostras perfeitas de inclusão social, mas a presença de rádio escolas ou oficinas desenvolvidas em colégios e organizações não governamentais chamam a atenção para a informação lúdica que elas representam para seus alunos. Na mente deles surgem oportunidades como uma nova profissão, um melhor resultado no boletim escolar ou talvez em um passatempo, capaz de tirá-los da marginalidade.

Sem dúvida, a utilização do rádio é eficiente. Nele, diversas linguagens podem ser desenvolvidas e criadas em benefício de um grupo social e não sendo aviltado como um mero produto de comercialização e massificação de cultura.

As soluções para a construção da cidadania que o projeto *Radialista do Futuro – nas ondas do rádio* propõem demonstram que o rádio ainda é uma mídia consolidada e atual. Numa perspectiva futura, o rádio será apenas adaptado ou aperfeiçoado, pois sua linguagem é aberta, rápida e acessível esteja onde o aparelhinho (eletrônico ou virtual) estiver.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMANAQUE Abril 1997. Ano 23. São Paulo: Abril, 1997. ISSN 0104-4788.

AMÂNCIO, Ana Maria; NEVES, Rosa Maria C. **Conhecendo seus próprios talentos: jovens de escolas públicas em instituições de pesquisa no Rio de Janeiro**. Educação e Sociedade: Revista de Ciência Educação. Campinas; V.24 n.83 p. 361-720. ago/2003.

BLOIS, Marlene M. **Rádio educativo no Brasil. Uma história em construção**. In: CUNHA, Magda; HAUSSEN, Dóris (Org). Radio Brasileiro: Episódios e Personagens. Porto alegre: Edipucrs, 2003. P. 35-48.

BUCCI, Eugênio. **O jornalismo de espírito público não pode ser “chapa-branca”**. Revista Comunicação e Educação Escola De Comunicações E Artes – ECA, São Paulo: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO – USP, n. 2, Ano X, p. 227-232. mai/ago 2005.

CABRAL, Eula D. T.; CABRAL Filho, Adilson V. **Que onda é essa? Por uma política de radiodifusão que se pretenda democrática no Brasil**. In: BARBOSA Filho, André; PIOVESAN, Ângelo; BENETON, Rosana (Org). Rádio Sintonia do Futuro. São Paulo: Paulinas, 2004. P. 177-200.

CALABRE, Lia. **A era do rádio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

CARONE, Iray. **Adorno e a educação musical pelo rádio**. Educação e Sociedade: Revista de Ciência Educação. Campinas; V.24 n.83 p. 477-493. ago/2003.

CÉSAR, Cyro. **Rádio: a mídia da emoção**. São Paulo: Summus, 2005.

COELHO Neto, Armando. **Rádio comunitária não é crime, direito de antena: o espectro eletromagnético como bem difuso**. São Paulo: Ícone, 2002.

DETONI, Márcia. **Rádios comunitárias: revolução no ar**. In: BARBOSA Filho, André; PIOVESAN, Ângelo; BENETON, Rosana (Org). Rádio Sintonia do Futuro. São Paulo: Paulinas, 2004. P. 277-287

FERNANDES, Aline F. R. **Comunicação, educação e mobilização social: a experiência do projeto “Cala-boca já morreu! – por que nós também temos o que dizer”**. Brasília: UNB, 2002. 85 P. Monografia (Graduação) Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, 2002.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: O veículo, a história e a técnica**. 2.ed. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001.

JORNAL DE BRASÍLIA. **Na pauta, um pouco de tudo**. Disponível em: 18/09/2005.
<<http://www.clicabrasilia.com.br/impreso/noticia.php?arq=1&IdNoticia=233532&busca=radionautas>>
Acesso em: 03/03/2007.

PIOVESAN, Ângelo. **Rádio e Educação: Uma integração prazerosa.** In: BARBOSA Filho, André; PIOVESAN, Ângelo; BENETON, Rosana (Org). Rádio Sintonia do Futuro. São Paulo: Paulinas, 2004. P. 35-50.

RUAS, Claudia Mara S. **Rádio comunitária: uma estratégia para o desenvolvimento local.** Campo Grande: UCDB, 2004.

SANTOS, César Augusto A. **Landell ou Marconi, quem é o pioneiro?** In: CUNHA, Magda; HAUSSEN, Dóris (Org). Radio Brasileiro: Episódios e Personagens. Porto alegre: Edipucrs, 2003. P. 167-182.

SKARTAZINI, Élton. **Expansão da sociedade organizada.** Disponível em: <www.casteloforte.com.br/sociedade8.php> Acesso em: 03/03/2007.

TAVARES, Reynaldo C. **Histórias que o rádio não contou.** 2.ed. São Paulo: HARBRA, 1999.

TEIXEIRA, Graziela D. **A relação entre rádio comunitária e formação de uma esfera pública.** Brasília: UNB, 2004. 214 p. Tese (Doutorado) Departamento de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília, 2004.

ANEXOS

ANEXO A - Projeto Radialista do Futuro

Síntese produzida pelo coordenador do projeto *Radialista do Futuro*, Edvaldo Ferreira.

APRESENTAÇÃO

O projeto *Radialista do Futuro* é uma iniciativa social, educacional e profissionalizante. Tem como ponto de partida a Expansão de Samambaia, com uma população aproximada de 16 mil habitantes. São, em sua grande maioria, famílias de baixa renda cujos filhos têm poucas oportunidades futuras de ingressarem no mercado formal de trabalho, até mesmo pela ausência de cursos profissionalizantes. Esse projeto idealizado pelo radialista Edvaldo Ferreira e executado pela Sociedade dos Moradores e Amigos da Expansão de Samambaia cumpre o papel de, popularizando as atividades do rádio, despertar crianças e adolescentes para o exercício da cidadania e incentivar vocacionados para a comunicação social.

OBJETIVO

Inicialmente o objetivo é dar ocupação saudável para meninos e meninas em faixa de **risco social** haja vista o ambiente em que vivem. O projeto, além de popularizar a prática da radiodifusão e despertar as mais diversas vocações a partir da comunicação social visa disseminar a noção de cidadania por meio de atividades lúdicas e educacionais, dentro do contexto da radiodifusão.

Além de mostrar para que serve e como se faz, **o projeto apresenta o rádio como meio e o radialista como agente de transformação social.**

A proposta do projeto, em curto prazo, é a fundação de uma Rádio Escola Comunitária para atender um número mais expressivo de crianças e adolescentes. Dar vez e voz a esses meninos e meninas é a razão maior da existência do projeto.

JUSTIFICATIVA

O rádio é o veículo de comunicação mais acessível a todos. Como instrumento, sua estrutura pode ser melhor aproveitada em benefício da comunidade. Levar ao conhecimento de um maior número de pessoas a prática do rádio, incluindo as crianças e os adolescentes, amplia e diversifica a sua utilização.

Por existirem na Região Centro-Oeste comunidades de baixa renda e alto risco social, o projeto tem três razões incontestáveis: **promover a inclusão social, popularizar os recursos da radiodifusão e dar perspectivas profissionais futuras a quem realmente precisa.**

Os benefícios já alcançados são muitos: Os participantes – crianças e adolescentes na faixa de 10 a 17 anos – melhoram os seus rendimentos escolares, aumentam a auto-estima, aprendem uma profissão, identificam, debatem, propõem e buscam soluções para os problemas comuns. Enfim, exercem a cidadania em sua plenitude.

ONDE NASCEU O PROJETO

Em 3 de março de 1990 foi criada a Expansão de Samambaia para abrigar o excedente populacional que veio povoar a recém-criada Samambaia, cidade-satélite de Brasília, no final dos anos 80.

É uma população originária de invasões e inquilinos de fundo de quintais que, com o programa de assentamento do Governo do Distrito Federal – GDF, teve a oportunidade de fixar residência. A população atual de 16 mil habitantes (incluindo crianças, jovens e adultos).

A Expansão de Samambaia fica no final das quadras ímpares da cidade. A infraestrutura precisa ser melhorada. Apesar de ficar em uma das cidades-satélites mais pobres do Distrito Federal, os moradores também sofrem discriminação. A localidade é chamada de “Rocinha”, numa alusão à violência da maior favela do Rio de Janeiro, pelos outros habitantes de Samambaia.

A cidade-satélite fica entre Ceilândia, Taguatinga e Recanto das Emas. A localidade já existia como área agrícola às margens do córrego Samambaia de onde saiu o nome do lugar.

Com a intensificação da migração para o Distrito Federal e o surgimento de várias invasões, o GDF providenciou a remoção destas para o local, fixando ali os seus primeiros moradores, em 1985. Samambaia pertencia a Região Administrativa de Taguatinga até 1989, quando passou a ter sua própria administração.

A população da Expansão de Samambaia é constituída por famílias de baixa renda, cujos filhos têm poucas oportunidades de inserção no mercado formal de trabalho no futuro, até mesmo pela ausência de investimentos na sua capacitação profissional.

A proposta de trabalho da ONG Sociedade dos Moradores e Amigos da Expansão de Samambaia, por meio do *Radialista do Futuro*, visa integrar a sociedade local numa perspectiva, a curto prazo, de mobilizar os meios necessários que repercutam em atividades e projetos propulsores de geração de renda para os adolescentes e jovens da comunidade.

A INSTITUIÇÃO

A Sociedade dos Moradores e Amigos da Expansão de Samambaia – Sociedade da Expansão, entidade sem fins lucrativos, nasceu da mobilização popular. Após a publicação, em março de 2001, de matéria no jornal Correio Braziliense comparando a localidade à “Rocinha”, favela do Rio de Janeiro, famosa pela violência, tráfico de drogas e falta de perspectivas para os jovens.

A população, em assembléia pública (numa tarde de quarta-feira, 1500 pessoas compareceram ao pátio externo do Centro de Ensino Fundamental 427), manifestou a sua não concordância com a comparação pejorativa, protestou e decidiu pela criação da ONG, como organização comunitária defensora dos direitos da comunidade e promotora do bem-estar geral.

A diretoria da Sociedade da Expansão é composta por profissionais liberais, microempresários, donas de casa e alunos do projeto.

O PROJETO

Um sonho, muita vontade de criar oportunidades às crianças da vizinhança, a ajuda de poucos colaboradores, a descrença dos pais e o entusiasmo dos 60 meninos e meninas carentes da Expansão de Samambaia. Esses foram os ingredientes utilizados para dar início ao projeto *Radialista do Futuro*, em 28 de fevereiro de 2002.

A idéia do *Radialista do Futuro*, nasceu quando o também radialista Edvaldo Ferreira parou em frente sua casa e ficou olhando algumas crianças jogando bola – feita de meia e jornal – para passar o tempo. “Fiquei pensando que aquilo era uma judiação. Aquelas crianças tinham o direito a uma oportunidade na vida. Daí me perguntei, mas fazer o quê? Vou ensinar o que eu sei. Ser radialista. Foi com essa determinação que pedi de volta um cômodo 20m antes alugado para um cabeleireiro e o transformei em sala de aula”.

Sem mesa de som, sem microfone, sem estúdio, sem nada... Um carro de som circulava pelas quadras anunciando as inscrições para um curso de radialista de graça. A partir dessa iniciativa as coisas foram acontecendo. Os alunos foram chegando e o projeto ganhou força.

Foi a partir das aulas de rádio ministradas aos sábados que os meninos e meninas se desenvolveram e melhoraram tanto na escola como no convívio com as famílias e a comunidade. Antes de participarem do projeto, era visível os problemas com disciplina, brigas, responsabilidade e até evasão escolar. Toda essa evolução se deve à empolgação e entusiasmo dos radialistas-mirins. É por conta das tarefas das aulas de rádio o maior interesse pela leitura e a melhora na dicção.

O profissionalismo é tanto que as crianças conquistou em maio de daquele ano um programa semanal na Rádio Redentor AM 1110 kHz, aos sábados das 18h30 às 19h30. O sucesso estava apenas começando para essa turminha. No dia 7 de junho de 2003, das 10h às 11h, as crianças da Expansão de Samambaia foram ouvidas em todo o Brasil por meio das ondas da Rádio Nacional de Brasília. Desafiados pelo jornalista Walter Lima, então diretor do Departamento de Rádio da Radiobrás, não fizeram feio. Montaram um programa de uma hora com várias entrevistas como: o primeiro morador, professores da escola e os coleguinhos para saber dos problemas da comunidade. Essa foi uma prova de fogo para os meninos e meninas do projeto e uma oportunidade ímpar, pois o sonho de todo comunicador é ser ouvido em rede nacional. Eles conseguiram.

Em 6 de maio de 2004, após 10 programas apresentados dentro do “Revista Brasil”, a turminha queria mais espaço. Com a ajuda do Idealizador do projeto, escreveram uma carta ao presidente da Radiobrás, Eugênio Bucci, e conseguiram um programa semanal. Hoje depois de 2 anos e 4 meses no ar, *Os Radionautas* tem audiência garantida aos domingos das 10h às 12h em todo o país. Das sugestões de pautas até a hora do programa entrar no ar a garotada participa ativamente, seja na sede da ONG, seja no estúdio.

O projeto se baseia nos conceitos de cidadania, participação, superação, solidariedade, disciplina e criatividade.

Inicialmente se procurou envolver a comunidade. A seguir sensibilizou-se profissionais para o trabalho voluntário. Os recursos materiais provêm de doações. Para a realização do programa levado ao ar, todos os domingos, foi decisiva a parceria com a Rádio Nacional AM de Brasília, que custeia o transporte das crianças e oferece o espaço na sua programação.

Essa parceria entre a Rádio Nacional de Brasília e o projeto *Radialista do Futuro* está democratizando o acesso aos meios de comunicação.

ACESSO E METODOLOGIA

A Sociedade da Expansão cuida da seleção e treinamento dos participantes do projeto. As crianças e adolescentes procuram a sede da ONG e manifestam interesse em participar. É marcado um dia para inscrição e cadastramento das famílias. Posteriormente os membros da diretoria da Sociedade da Expansão visitam cada uma das famílias, confirmando as informações colhidas, principalmente as referentes à renda, matrícula em escola pública e interesse do candidato.

São formadas turmas de 25 alunos que participam das aulas, todos os sábados, nos horários de 10h às 12h; 14h às 16 e 19h30 às 20h30. Nos encontros são ministradas aulas teóricas e práticas sobre comunicação em rádio, produção de textos, leitura e dicção, produção de programas, conhecimentos técnicos, reforço escolar, informática, direitos e deveres e ética profissional. Para ministrarem as aulas são convidados profissionais de comunicação e áreas afins, que o fazem voluntariamente.

ARTICULAÇÃO COM AS FAMÍLIAS E ESCOLA

Por meio de visitas domiciliares e reuniões coletivas com os familiares na sede do projeto, visitas dos familiares às aulas e programas de rádio. Além disso, as mães trazem os boletins escolares para conferência das notas no ensino regular. O objetivo é que o projeto tenha repercussão positiva dentro da escola freqüentada pelos alunos/radialistas e contagie os demais alunos através das discussões trazidas por eles. Busca a troca de informações sobre a aprendizagem desses alunos, visando elevar seu desempenho tanto na escola quanto no projeto.

Busca-se por meio de reuniões com diretores e professores das escolas, bem como reuniões desses com os alunos na sede do projeto, para discutir assuntos referentes à melhoria do ambiente escolar.

NÚMERO DE CRIANÇAS/ADOLESCENTES

Atualmente 60 alunos estão envolvidos nas atividades no projeto. Em fevereiro de 2007, mais 50 serão chamados.

ANEXO B - Espelho cedido pela Rádio Nacional

PROGRAMA OS RADIONAUTAS

Brasília, 01 de abril de 2007

Apresentação: Meninos e meninas do Projeto “**Radialistas do Futuro**” Coordenado por Edvaldo Ferreira

Produtor: Harrison Reis

Produção em estúdio:

Operadores:

10h40 – Preto Rezende

Diretor Cultural da Administração de Planaltina e também faz a Via Sacra dos Adultos em Planaltina (ele vai estar com as crianças que vão encenar a via sacra infantil)

Assunto: Via Sacra Infantil encenada só por crianças em Planaltina

***3389-XXXX / 9654-XXXX**

11h15 – EDMIR PASSOS

Coordenador do Projeto “Livro Livre” numa Padaria em Brasília

Assunto: Edmir descobriu uma nova forma de incentivar as pessoas a leitura. Aproveitando o espaço inutilizado de seu estabelecimento (padaria), descobriu que poderia ajudar as pessoas a ter mais essa opção em termos de cultura. Daí começou o projeto que hoje tem mais de 200 leitores e um acervo de 400 livros, doados ao Projeto

***3242-XXXX/3244-XXXX**

11h40 – DAYANA BARBARA DOS SANTOS

21 anos, ex – menina de rua

assunto: Dayana foi menina de rua, hoje ela encontrou uma oportunidade e trabalha com livros – ela é um exemplo de superação. Também passa a experiencia de que morar na rua não é nada bom. Por isso vale a pena ouvir a sua história.

***9105-XXXX**

EDVALDO FERREIRA *3359-XXXX / 9281-XXXX e-mail:
radiosociedade@iq.com.br; edvaldoferreira2005@yahoo.com.br

APÊNDICES

APÊNDICE A – Entrevista com Edvaldo Ferreira

Edvaldo Ferreira,
Coordenador do Projeto *Radialista do Futuro – nas ondas do rádio*

QUESTIONÁRIO

- 1) Como foi elaborado o projeto? Como é a direção?

Em 2001, ao observar alguns meninos brincando com uma bola – feita com meia e jornal usado – na praça em frente a minha residência, pensei em proporcionar-lhes uma ocupação que, além de lazer, os preparassem para melhor enfrentarem os desafios impostos pela sobrevivência. Foi daí que surgiu a iniciativa de criar o projeto *Radialista do Futuro* que, em pouco tempo, conquistou o respeito das crianças e adolescentes.

Uma ONG foi criada para dar sustentação as atividades do projeto, como: administração de um Telecentro Comunitário, aulas de informática. As crianças e os adolescentes participam ativamente das decisões do projeto.

- 2) Como é o apoio da comunidade em geral?

O consumo de drogas e a violência são acontecimentos rotineiros no dia a dia da nossa comunidade, como sempre as maiores vítimas são os adolescentes e jovens. Visto como um projeto sério, a iniciativa tem o apoio dos moradores e respeitado por outras organizações, dentre elas, o Conselho Tutelar de Samambaia e Conselho dos Direitos da Criança e do Adolescentes do Distrito Federal.

Na avaliação dos pais, o projeto é uma esperança para as crianças e adolescentes ocuparem o tempo com uma atividade saudável e conquistarem um futuro melhor.

- 3) Qual é a influência da rádio na comunidade de Samambaia/DF?

O rádio é o veículo de comunicação mais acessível a todos. Em Samambaia não é diferente. Como instrumento, sua utilização pode ainda, ser melhor aproveitada em benefício da comunidade.

O projeto e o programa *Os Radionautas* têm pelo menos três razões incontestáveis: PROMOVER A INCLUSÃO SOCIAL, POPULARIZAR OS RECURSOS DA RADIODIFUSÃO E DAR PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS FUTURAS A QUEM REALMENTE PRECISA. Os participantes do projeto melhoram os seus rendimentos escolares, aumentam a sua auto-estima, aprendem uma profissão, identificam, discutem, propõem e buscam soluções para os problemas comuns. Exercem a cidadania.

- 4) A pauta é definida como? Qual é conteúdo principal para agendar uma entrevista?

Todas as pautas do programa são assuntos do interesse da criança e do adolescente. São temas de conteúdos educativos, atualidades, curiosidades, datas comemorativas, etc. Nos encontros na sede do projeto, os beneficiários sugerem pautas que posteriormente são repassadas à produção da Rádio Nacional para serem agendadas.

5) O que o senhor ainda espera do projeto?

O projeto, na minha avaliação, já está consolidado. Porém, algumas ações se fazem necessárias: a) Melhorar a estrutura física da unidade piloto para atender mais crianças com atividades simultâneas; b) Implantar núcleos do projeto em outras cidades do DF e cidades do Entorno; c) Manter o espaço na Rádio Nacional e receber a autorização para funcionamento da rádio comunitária e buscar a viabilidade de um espaço na TV.

6) Como surgiu a idéia de se Ter os meninos (as) do projeto da Rádio Nacional? Como surgiu *Os Radionautas*?

A visita do radialista Walter Lima, então diretor da Rádio Nacional, à aula-estágio na sede, abriu outra possibilidade a estes jovens radialistas: Foram convidados a produzirem e apresentarem um programa, todo primeiro Sábado de cada mês, das 10h às 11h, como parte do programa Revista Brasil. O primeiro foi ao ar no dia 07 de junho de 2004, quando se tratou sobre a Expansão de Samambaia, a realidade desses adolescentes e do próprio projeto.

Em reunião com o presidente da Radiobrás, Eugênio Bicci, os meninos entregaram uma carta solicitando mais espaço na grade de programação da Rádio Nacional. Diante da capacidade comprovada há mais de um ano, a direção atendeu a garotada criando *Os Radionautas*, levado ao ar todos os domingos, das 10h às 12h.

7) Como está sendo a recepção dos ouvintes?

A credibilidade e a audiência do programa *Os Radionautas* junto aos ouvintes são medidas por meio das cartas, telefonemas e comentários de profissionais da área de comunicação que acompanham o programa todos os domingos. As sugestões dos ouvintes são analisadas com carinho no projeto.

APÊNDICE B – Questionário

Meninos e meninas do Projeto *Radialista do Futuro – nas ondas do rádio*

QUESTIONÁRIO

Nome: _____ Idade: _____
Escola: _____ Série: _____ Turno: _____

Você ajuda na escolha de algum tema para entrevista? Como a pauta é definida?

Como é o seu envolvimento no projeto? Você gosta em trabalhar em equipe?

Você pretende seguir alguma carreira profissional no futuro? Qual seria e por quê?

Alguma coisa mudou dentro de você depois de se envolver no projeto? O uso do rádio melhorou na sua vida? De que forma?

O que você aprendeu com o projeto e com a produção de um programa?

O que seus pais e professores acham do projeto? Eles apóiam?

Acha que a comunidade ficou mais integrada? Dê exemplo (s).

Qual a parte do programa você mais gosta? Porquê?
